

Ploncard D'Assac: um experto a serviço do Salazarismo

Felipe Cazetta¹

Resumo: Jacques Ploncard D'Assac refugiou-se em Portugal após ser acusado de contumácia e colaboracionismo. Após a Segunda Guerra Mundial houve alteração do cenário geopolítico forçando o salazarismo a alterar-se. Todavia o regime deveria manter suas bases nacionalistas e antidemocráticas, e esforçar-se por ressignificar o domínio sobre os territórios colônias. Assim, D'Assac funcionava como mediador da ditadura salazarista com o público estrangeiro, em destaque aos francófonos de extrema-direita. No entanto, revestia a mensagem de promoção do salazarismo e repertório próprio e desejado pelas convicções de D'Assac. Para a elaboração da pesquisa, são utilizados livros doutrinários e biografia de Salazar, de autoria de Ploncard D'Assac, com o intuito de fazer o mapeamento e detecção das intenções e representações inscritas nestas publicações.

Palavras-chave: Ploncard D'Assac; salazarismo; ditadura.

¹ Felipe Cazetta, professor de História Moderna e Contemporânea da Universidade Estadual de Montes Claros e professor permanente do Programa de Pós-Graduação da mesma instituição. E-mail: felipecazetta@yahoo.com.br.

Ploncard D'Assac: an expert at the service of Salazarism

Abstract: Jacques Ploncard D'Assac took refuge in Portugal after being accused of contumacy and collaborationism. After the Second World War, the geopolitical scenario changed, forcing Salazarism to change. However, the regime should maintain its nationalist and anti-democratic bases, and strive to give a new meaning to its control over colonial territories. Thus, D'Assac functioned as a mediator between the Salazar dictatorship and the foreign public, particularly the far-right Francophones. However, it had the message of promoting Salazarism and its own repertoire, desired by D'Assac's convictions. To carry out the research, doctrinal books and Salazar's biography, authored by Ploncard D'Assac, are used, with the aim of mapping and detecting the intentions and representations inscribed in these publications.

Keywords: Ploncard D'Assac; Salazarism; dictatorship.

O encerramento da Segunda Guerra Mundial, com o triunfo da aliança liderada pela URSS e pelos EUA, demarcou, em certa medida, no nível do discurso, a democracia e o respeito à autodeterminação dos povos como pilares para a consolidação do mundo Ocidental. Portugal possuía ampla extensão territorial anexada sob a condição de colônias (que após o Estatuto do Indigenato, de 1954, foram nomeadas de “províncias ultramarinas”, todavia com baixa alteração em termos práticos), além de manter o salazarismo, regime antidemocrático e anticomunista, que durante o período entreguerras se associou ao fascismo, apesar da neutralidade ao longo do segundo conflito mundial.

Portanto, para não isolar o seu país perante a comunidade internacional, Oliveira Salazar esforçou-se por alterações sensíveis internamente, com modificações das legislações referentes às coloniais, e ações voltadas para assuntos estrangeiros. Nestes últimos, destacam-se a atuação nas áreas econômicas (como um dos membros fundadores da Organização Europeia de Cooperação Econômica - OEEC), e de assuntos estratégicos militares (como um dos membros fundadores da Organização do Tratado do Atlântico Norte). Inevitavelmente, a inserção em tais organizações afetou a soberania do país - conforme ocorreu com a imposição da redução de tarifas aduaneiras sobre produtos de importação para a manutenção da participação na OEEC -, por outro lado sinalizava que Portugal não estava disposto ao isolacionismo. Apesar de mantida a postura antidemocrática, o salazarismo acenava para uma conformação à nova ordem mundial, sob hegemonia estadunidense, em detrimento da tradicional

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

aliança luso-britânica, e marcando sua oposição ao bloco socialista soviético durante a Guerra Fria, com a inserção na OTAN!

Ao manter o regime ditatorial, ainda que se considerem as novas conjunturas, Salazar despertava a simpatia e reverência de setores variados da extrema-direita internacional. Estas buscavam referencial político diante da conversão dos seus países em democracias liberais, que iniciavam o processo de afrouxamento do poder colonial – não sem pressão dos territórios sob domínio (caso da França, por exemplo). Deste modo, Salazar foi alçado à condição de último bastião do Ocidente Cristão e imperial, e obstáculo contra o comunismo, sendo polo de atração para elementos autoritários e neofascistas que se mantiveram vivos no rescaldo da Segunda Guerra^{II}.

Jacques Ploncard D'Assac está inserido nessa gama de indivíduos e grupos de extrema-direita que miravam Portugal como polo de ressonância dos valores partilhados por forças antidemocráticas. Entre os anos 1950 e 1960, D'Assac converteu-se em correia de transmissão dos valores e doutrinas do salazarismo, portanto, divulgador político internacional das ideologias do regime português, com destaque à França^{III}.

Tal função, no entanto, não foi monopólio de D'Assac. A utilização de homens de letras e intelectuais estrangeiros de modo geral, como ferramenta de propaganda positiva do regime salazarista no exterior foi trabalhada por autores tais como Yves Léonard e Olivier Dard. A estratégia iniciada ainda no Secretariado de Propaganda Nacional sob liderança de António Ferro, consistia na seleção e recepção de intelectuais que funcionassem, de forma direta ou indireta, como agentes de difusão de notas simpáticas ao salazarismo. Assim, o regime se beneficiaria diplomaticamente, em função do

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

destaque local ou internacional que seus visitantes gozavam^{IV}. Segundo Dard, Salazar possuía relativo controle sobre a emissão das informações a serem propagadas, referentes ao seu regime, durante a cerimônia de recepção dos convidados, e constituía um repertório de “embaixadores” quando necessitasse de se defender de alguma denúncia proveniente de chefes de outros países, órgãos e agências estrangeiras^V.

Todavia, no caso de Ploncard D'Assac, conforme comprovado nas pesquisas de Ana Isabel Devignes, o convite não derivou do regime salazarista, mas da própria insistência de D'Assac por ter uma audiência com ditador. A pesquisadora destaca a frequência das cartas de D'Assac entre os anos 1950 e 1953, para tal finalidade, onde tudo indica que foram atendidas, conforme correspondência de dezembro de 1953^{VI}. Tal obstinação de D'Assac era coerente às suas crenças políticas e a interpretação que captava de Salazar como ditador afinado com seus projetos e doutrinas, tal como os horizontes de expectativa que desejava como futuro ideal, a partir da ditadura portuguesa.

Revestido pelo tradicionalismo católico, e membro da Ação Francesa, Ploncard D'Assac engajou-se no antissemitismo, no combate à maçonaria, na crítica aberta aos valores democráticos – que segundo ele penetraram na Igreja católica, alterando dogmas tal como a hierarquia. Em mesma medida, dedicou seus esforços ao anticomunismo. Portanto, em sua doutrina, ficava demarcado um contexto de corrupção e decadência da Europa, diante da adesão ao liberalismo e do processo de independência na África e Ásia. Portugal tornava-se, dessa forma, o último reduto deste passado glorioso que foi corrompido por tais características do presente. Assim, Salazar se lançava como alternativa coerente para o investimento de expectativas de D'Assac.

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

Como retribuição, o ex-militante da Ação Francesa demonstrava sua dedicação, através do esforço intelectual para difundir aos leitores (destaque aos franceses), as percepções e doutrinas do Estado Novo português. Coerente com as suas convicções, Ploncard d'Assac, fazia Salazar mais próximo da Ação Francesa, pela defesa do Ocidente^{vii}.

Esta movimentação lançada por Ploncard, de associar Salazar às doutrinas de Charles Maurras, reforçam que mesmo em trânsitos aparentemente transnacionais, as relações intelectuais, tal como tantas outras, são revestidas por interesses nacionalistas e imperialistas. Assim, ao deslocar o texto de seu devido contexto, é possível alterar seu significado, modulando-o conforme a recepção almejada^{viii}. Assim, D'Assac operava como caixa de ressonância das concepções e doutrinas de Salazar, porém, não sem ruídos – aliás, dotando a mensagem de ruídos intencionais – fazendo que Salazar se aproximasse das teorias e das bases políticas defendidas pela Ação Francesa.

Deste modo, percebe-se uma relação utilitária de ambos os lados, com Ploncard D'Assac comportando-se como um intelectual, apesar de não ser um produtor de conhecimentos politicamente relevantes. Posicionando-se como transmissor de ideias, o tradicionalista francês era um canal de mediação entre o que se passava em Portugal e o que se desejava ser conhecido pelos simpatizantes do regime, em países estrangeiros. Afinal, segundo Norberto Bobbio, “os expertos são aqueles que, indicando os conhecimentos mais adequados para o alcance de um determinado fim, fazem que a ação que a ele se conforma passe a ser chamada de racional”^{ix}.

Apesar de D'Assac não ser inovador no campo das ideias, ou oferecer soluções doutrinárias, tal como o lusotropicalismo de Gilberto Freyre trouxe

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

para a questão das colônias portuguesas – tornando Portugal um país pluricontinental e multirracial –, manipulou com habilidade as informações que possuía de Salazar e o conhecimento da Ação Francesa. Assim, Ploncard D'Assac não escondeu as divergências entre o ditador e movimento monárquico francês, mas segundo Olivier Dard, havia o esforço por minimizar tais pontos de tensões^x. Era utilizada a proximidade e simpatia recíproca existente entre Salazar e Charles Maurras, porém, provavelmente D'Assac possuía o conhecimento da entrevista dada a António Ferro, no início dos anos 1930, onde a cabeça do Estado Novo afirmava:

O problema do regime embaraça e envenena a maioria dos governos em Portugal, dos governos de direita principalmente. Há que pô-lo de lado, mas pô-lo de lado com habilidades, evitando todas as manifestações e declarações que lhe possam dar vida, (...). O que eu peço aos monárquicos, o que lhes aconselho é que disponham a ingressar na vida do Estado sem a ideia falsa e perigosa de que colaborar com a actual situação é dar um passo à realização de seu ideal respeitável.^{xⁱ}

Neste período, Salazar iniciava o processo de endurecimento do Estado Novo e centralização de forças, no intuito de desidratar a oposição de extrema-direita, em destaque, o Nacional Sindicalismo^{xⁱⁱ}. Logo, o convite para participar da vida do Estado, sem despertar falsas esperanças foi um recado explícito para os monarquistas abandonarem qualquer impulso de tomada de poder ou projeto de restauração. Afirmava-se com clareza o formato do regime, e este não era consonante à monarquia centralizada politicamente e descentralizada administrativamente, mirada por Charles Maurras.

Se a questão de Regime parecia ser aspecto imutável, e estabelecida sob o modelo republicano, a função da ditadura poderia ser caminho mais

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

seguro a ser pavimentado para a identificação das extremas direitas, e contemplando os remanescentes da Ação Franceses, com o Estado Novo português. Retomando ao contexto que Ploncard D'Assac investe na aproximação com a ditadura, ou seja os anos 1950 e 1960, neste período, os impérios coloniais se esfacelavam, diante das vitórias dos países africanos e asiáticos em busca da independência. Se no cenário estrangeiro a conjuntura era de transformação, internamente havia a adesão por boa parte dos países europeus, ao modelo liberal-democrático como forma de participação política, de modo que as ditaduras passaram a ser entendidas como exóticas na Europa. Diante deste refluxo aos projetos autoritários, a extrema-direita se radicalizou em torno da ideia de defesa do Ocidente cristão.

Nestas diretrizes, D'Assac encontrou ponto de ressonância entre o seu nacionalismo (francês) revestido pelo tradicionalismo cristão, e o nicho político de extrema-direita português^{xiii}. Em uma transcrição de um dos discursos emitidos por rádio pelo programa *La Voix de l'Occident*, diariamente às 18:15h e às 23h (horário da França), e emitido de Lisboa, D'Assac apresentou sua definição do homem de direita. Este seria conhecedor da existência da ordem natural e leis que afetam o comportamento político, inscritos na natureza das coisas e dos seres^{xiv}.

Basicamente, D'Assac transcreve a definição de um conservador, lançada de forma coesa inicialmente por Edmund Burke, no final do século XVIII. Fazendo análises carregadas de reprovação acerca da Revolução Francesa, o britânico afirmava: "É impossível estimar a perda que resulta a supressão dos antigos costumes e regras da vida. A partir dessa momento não há bússola que nos guie, nem temos meio de saber a qual ponto nos dirigimos."^{xv} O passado forneceria a regulação e os caminhos de forma

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

equilibrada, desde que não exista ruptura, mas pequenas mudanças, justamente para a conservação da ordem, atendidas as circunstâncias. Tanto Burke quanto D'Assac eram zelosos defensores da manutenção da estrutura política, de forma restrita, e por isso, enxergavam o alargamento da base de participação como distúrbio e ameaça ao sistema. Como Francisco Carlos Teixeira da Silva^{xvi} analisa, trata-se de uma “construção utópica do passado”, justamente para tornar legítima a projeção do futuro como vinculada ao passado, desde que criado por determinado grupo e vinculado a intenções, projetos e anseios políticos demarcados.

A partir deste foco lançado por Teixeira da Silva, é possível compreender as condenações de D'Assac ao presente, não como mera denúncia, mas um clamor para a substituição deste contexto por aquele que supostamente seria encontrado no passado descrito por ele. O passado apresentado como Era de Ouro, usurpada pelas corrupções que assolam a contemporaneidade, não passam de um presente alternativo ou desejado, inscrito em concepções ideológicas. Deste modo, o projeto futuro do conservador, inevitavelmente teria de se disfarçar de remissão ao passado em sua representação idealizada.

A corrupção que era acusada, afetava as mais diversas instituições: dos Estados e governos, penetrando na hierarquia eclesiástica. Coerente com as bases doutrinárias colhidas na Ação Francesa, Ploncard D'Assac compreendia a Igreja como coluna vertebral da sociedade, regulando e ordenando a moral e os valores. Todavia, desde que as ideias da Revolução Francesas ganharam o mundo, tal ordenamento foi impactado em sua estrutura. Assim, se concluiu que a solução estaria na escolha de dois caminhos antagônicos: resistir ou adaptar-se. A resistência implicava no

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

esforço de restaurar as bases tradicionais da sociedade; a adaptação seria a coexistência mesmo diante de princípios opostos ocupando a hegemonia.^{xvii} Por “bases tradicionais da sociedade”, há o estabelecimento de um ponto de inflexão, onde a sociedade por algum motivo alterou seu comportamento e formas de associação. Foi a democracia, o liberalismo e os valores gerais da Revolução de 1789 que alteraram os rumos “naturais” e “tradicionais”, logo, a sociedade em seus estágio elementar seria anti-democrática.

D'Assac evidencia que a democracia e a Igreja apresentam princípios inconciliáveis, portanto, com a coexistência prejudicial para o corpo eclesiástico e a solidez da doutrina cristã. Se a Igreja adota o princípio da hierarquia, da ortodoxia e da tradição, a democracia “não conhece mais que a lei do número. O que a maioria decide é a lei. A democracia não admite lei alguma preexistente, natural, revelada, nenhum moral.”^{xviii} Deste modo, a democracia agiria de forma pernicioso, a descaracterizar dogmas estabelecidos na permanência e para a eternidade, valores estes incompreensíveis à democracia, segundo D'Assac. Portanto, para salvar a Igreja e, conseqüentemente a sociedade, era fundamental *retornar* ao momento imediatamente anterior da deflagração da vitória da democracia sobre o Antigo Regime.

Assim, o tradicionalista francês torna a criticar a perspectiva de progresso inaugurada no século XIX. Por outro lado, tal como apresentado com recorrência nos textos da Ação Francesa, D'Assac lança mãos da noção de tradição aos moldes de Ernest Renan ao afirmar que a nação pressupõe o formação da tradição. D'Assac entende o nacionalismo como tomada de consciência das tradições nacionais. Somente a partir daí, seria possível a

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

denúncia “dos mitos, ideias e concepções que, em ameaça, arriscam minar a construção histórica de uma nação determinada.”^{xix} Portanto, se determinado esforço por construir uma nação era fixado em realidade histórica, logo concreta e empiricamente comprovada, o intuito de enfraquece-la ou ameaça-la estaria fixado no campo das ideias e mitos. Novamente, a máxima do conservador como atrelado no terreno das circunstâncias, do pragmatismo e da cautela, em oposição ao revolucionário que se vincula a abstrações. Nesta representação, a nação é entendida como construção tradicional, e por isso, concreta.

Todavia, apesar de não confessar, D'Assac lança mãos de vasto repertório de mitologias políticas na busca de comprovar o discurso acerca de seus projetos. Portanto, utilizava de imagens e abstrações, tanto como seus antagonistas. Raoul Girardet defende que o mito, possui autonomia em relação ao montante documental de fontes e da história acadêmica, constituindo por isso, ele próprio sistema de crenças completo e, por vezes, fechado. Logo, o mito em si já apresenta seu atestado de legitimidade, sem a necessidade de comprovação por fontes ou confronto com a materialidade documental. Assim, o mito exerce função explicativa por estar arraigado às necessidade e demandas por respostas de um dado grupo, fornecendo significados para o presente e futuro, bem como justificativa para o passado, no intuito de encontrar alternativas ao cenário de caos, decadência e corrupção^{xx}. Através da ordenação dos fatos, da construção de narrativas e discursos e suporte das tradições (que são mais contemporâneas que inscritas no passado), se encontram as chaves desejadas para a saída do tormenta e retomada da Era de Ouro.

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

Salazar funcionava no interior do sistema de crenças políticas de D'Assac, como o mito do Salvador, revestido de conjunto de significados e representações potentes no período entre guerras, porém, que nos anos 1950 encontravam-se em decadência. Assim, o Oliveira Salazar defendido por D'Assac atendia aos interesses da extrema-direita francesa, que percebia a Argélia entrar em independência, após guerra sangrenta com a França, e via assim, ofendida a representação de potência imperialista e eixo da civilização ocidental.

Salazar tornava-se o defensor do patrimônio coletivo, e deste modo, consciente de seu dever moral de servir^{xxi}. É válido de se destacar a preocupação de Ploncard ao habilitar a ditadura portuguesa ao extremismo europeu, sem aproxima-lo demasiadamente dos fascismos, para que não se corrompesse a imagem internacional de Portugal como criador de civilizações (tal como a proposta de aproximação entre o regime e as propostas teórico-sociológicas de Gilberto Freyre, referentes ao lusotropicalismo). Assim, D'Assac afirmava que mesmo com a formação do Estado Novo em pleno contexto de vigor fascista, Salazar não cedeu à tentação totalitária, pois como portador de um dever da ideia nacionalista, manteve-se fiel à razão do equilíbrio de forças^{xxii}. D'Assac busca a criação de um Salazar coerente às circunstâncias do pós-segunda Guerra Mundial, ignorando o que foi dito ou escrito no intervalo dos dois conflitos mundiais. Caso recorrido à série de entrevistas feitas por António Ferro, constata-se que as ponderações de equilíbrio e distanciamento perante os fascismos, destaque ao italiano, são verdades parciais, conforme afirma o próprio Salazar:

A nossa Ditadura aproxima-se, evidentemente, da ditadura fascista no reforço da autoridade, na guerra declarada a certos princípios da democracia, no seu carácter acentuadamente nacionalista, nas suas preocupações de ordem social. Afasta-se porém, nos seus processos de renovação. A ditadura fascista tende para um cesarismo pagão, para um estado novo que não reconhece as limitações de ordem jurídica ou moral, que marcha para o seu fim sem encontrar embaraços nem obstáculos.^{xxiii}

Todavia, D'Assac ignorou tais declarações na biografia de Salazar, por apresentar Portugal como refúgio dos perseguidos de Hitler. De forma habilidosa, não posicionou em sua escrita, o Estado Novo como antagonista ativo do fascismo, mas um como refúgio daqueles que sustentavam ideologias adversárias ao salazarismo. "Numerosos foram os expatriados fugindo diante do exército de Hitler que então se vieram refugiar em Portugal; judeus, comunistas, franco-mações, todos inimigos políticos do Estado Novo encontravam-se nesse velho país cristão uma hospitalidade antiga."^{xxiv} Assim, se ignorava a existência das prisões políticas e campos de concentração, como o de Tarrafal (em funcionamento desde 1936), por exemplo, para criar a imagem de Portugal como país receptivo, norteado pelos valores cristões, que acolhia a todos, mesmo ciente das ações destes contra si em passado recente.

Esta mensagem tem diferentes significados, conforme a recepção atingida. Como toda emissão, está possuía suas camadas de significados, onde a primeira, seria a afirmação de neutralidade e distanciamento dos regimes fascistas, fornecendo exílio aos ameaçados por Hitler. Deste modo, havia a possibilidade de se afastar momentaneamente do espectro da extrema-direita, visto que Ploncard D'Assac, ele mesmo, era um estrangeiro

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

exilado – apesar de sua acusação pela justiça francesa ser justamente de contumácia, colaboracionismo com o Regime de Vichy e com os nazistas. A contrapelo, apresentava Portugal como país revestido de valores cristãos, portanto, mantendo o repúdio aos socialismo e acenando aos grupos políticos conservadores remanescentes do salazarismo. D'Assac sinalizava, novamente, para setores laicos e eclesiásticos de Portugal, detentores diretos ou indiretos, de poder político.

Como Olivier Dard apontou, Ploncard D'Assac conhecia as obras e as ideias de Salazar. O ex-integrante da Ação Francesa buscou construir perfis do ditador português que o apresentassem como detentor de trajetória linear e coerente, em defesa da Igreja, apesar de qualquer regime político, portanto, a religião se pronunciando como primeira bandeira de combate^{xxv}. Tal postura, orientava a imagem desejada para dois caminhos que não são antagônicos, ou seja: o último representante do Ocidente católico, sem no entanto, deixar de aproximar Salazar da doutrina da Ação Francesa. A mensagem, portanto, atingia ao portugueses admiradores de Portugal, mas tinha reverberações nos leitores estrangeiros de extrema-direita, tais como os integrantes de movimentos conservadores, com ênfase à França.

De acordo com a bibliografia de Salazar, escrita por D'Assac, para que assumisse suas funções no Ditadura, foi imposta pelo então professor da Universidade de Coimbra a condição de que os rumos políticos futuros não afetassem ou colidissem com os direitos adquiridos pelos católicos, caso contrário haveria o desligamento. De fato, o prestígio da Igreja católica foi bastante perceptível, imediata a ascensão de Salazar, pela legislação com respeito aos territórios coloniais. Assim, no Acto Colonial, decreto lei 22.465 de 11 de abril de 1933, em seu artigo 24, constava:

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

As missões religiosas do ultramar, instrumento de civilização e influência nacional, e os estabelecimentos de formação do pessoal para os serviços delas e do Padroado Português, terão personalidade jurídica e serão protegidos e auxiliados pelo Estado como instituição de ensino.^{xxvi}

Salientava-se os usos políticos que seriam feitos da Igreja, como instrumento de civilização a serviço de Portugal. Tais aspectos estiveram mais destacados no Estatuto Missionário, onde, no artigo 1º afirmava-se a garantia do poder da Igreja, desde que estivesse tal ação condicionada à estreita comunicação com o Estado. No capítulo 3º do mesmo documento, afirmava-se os poderes da instituição católica se estendendo para as áreas de ensino nas colônias, entre outras áreas, "(...) nomeadamente a de fundar e dirigir escolas para os indígenas e europeus, colégios masculinos e femininos, institutos de ensino elementar, secundário e profissional, seminários, catecumenatos, ambulâncias e hospitais nos termos do presente diploma."^{xxvii}

Afirmava-se por decretos o que d'Assac buscou afirmar como missão ou destino histórico de Portugal e de Salazar – de forma personalizada –, ou seja: a articulação entre a Igreja e a manutenção dos territórios coloniais. Todavia, era necessário esmaecer o forte significado imperialista que tais valores se revestiam. D'Assac atribui a Salazar no início dos anos 1930, aspectos que foram incorporados ao regime somente no pós-Segunda Guerra Mundial, tais como a influência do lusotropicalismo de Gilberto Freyre. Neste discurso organizado por D'Assac, o ditador antecede o sociólogo brasileiro, visto que "desde 1932 que Salazar sabia que Portugal podia ser um império multirracial e pluricontinental no qual se reabsorveriam todas as

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

diferenças de raças e de costumes. Seguiu conscientemente a vocação natural da mentalidade portuguesa.”^{xxviii}

Diante deste destino e inclinação natural, D’Assac aponta para o entendimento de Salazar em uma aliança estratégica com ênfase à política atlântica, organizada a partir do triângulo Lisboa-Luanda-Rio de Janeiro, diante da projeção que o Brasil possuía diante dos países lusófonos. Deste pacto, Brasil e Portugal garantiriam vantagens, porém, ignorava o papel de Angola nessa triangulação^{xxix}. Se este projeto realmente foi defendido por Salazar em algum momento, apesar de raramente sair de Portugal, a ideia não era original, mas derivada do Integralismo Lusitano^{xxx} – movimento monarquista surgido por exilados na Bélgica em 1913, com vários pontos de permeabilidade doutrinária com a Ação Francesa. Assim, Ploncard D’Assac buscava estabelecer mediadores comuns entre o regime e diversos movimentos de extrema-direita, formando a imagem que estes seriam afluentes do salazarismo, que coerente a estas doutrinas, organizava seu quadro político de acordo com as peças oferecidas. No momento de declínio do Salazarismo, a partir dos anos 1960 e, principalmente, 1970, era fundamental para um militante de extrema-direita, que não se encontrasse órfão e destituído de parâmetros ideológicos. Deste modo, ao escrever a biografia de Salazar, D’Assac buscava tornar inteligível para si e para grupos autoritários portugueses e estrangeiros que Salazar foi um farol para suas ideologias (o que é verossímil), por agregar e receber de forma harmônica diversas matrizes autoritárias (o que, em parcialmente verdadeiro, visto que o União Nacional, partido único português, exercia força centrípeta nos agrupamentos extremistas de direitas).

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

D'Assac, ao comportar-se como um *experto*, ou seja, vulgarizador das teorias do salazarismo para outros países – sem no entanto, elaborar qualquer inovação ideológica – construía para si a *ilusão biográfica*^{xxxI} de Salazar. No esforço de organizar de forma linear e racional a operação de narrar, construía um Salazar ideal e esperado para si, que não fosse membro da Ação Francesa, mas que aproximasse e assumisse parte importante daquele repertório doutrinário, algo que enquanto ditador, não se comprometeu a fazer.

Considerações Finais:

Como Pierre Bourdieu apresentou, o esforço biográfico^{xxxII} implica necessariamente na seleção e organização cronológica de fatos aleatórios. Ao se apresentar estes em forma de narrativa inteligível, se recorta e costura aspectos, atribuindo racionalidade em séries e sucessões. O interesse em “dar sentido” é mediado por diversos filtros, tais como afinidades afetivas, aproximações políticas, entre outros. Assim, quando se faz a narrativa do “outro”, inevitavelmente se projeta o que o “eu” espera.

Comprometido com o salazarismo e vinculado ao tradicionalismo da Ação Francesa, Ploncard D'Assac buscou manter-se coerente a ambos, apesar de por vezes perceber tensionamentos existentes. Posicionado a serviço do Estado Novo, D'Assac era uma das correias de transmissões entre regime e grupos estrangeiros que eram ideologicamente afinados. Fornecia publicações doutrinárias e divulgação direta ou indiretamente, afinadas à ditadura de Salazar. No entanto, permeado a estas emissões e publicações, D'Assac construía para si e seus ouvintes e leitores sua própria idealização do salazarismo, onde este se portaria como bastião do Ocidente imperialista e

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

cristão. Para se portar deste modo, sem comprometer as relações diplomáticas perante os órgãos internacionais – que pressionavam pela abolição das colônias em nome da autodeterminação dos povos –, D'Assac organizava a mensagem para gerar através de um discurso, múltiplos significados, conforme o repertório ideológico do público atingido.

Se D'Assac posicionava-se como um experto, dentro do salazarismo, não se despia das identidades políticas estabelecidas na França. De certo modo, O Salazar criado por D'Assac, era carregado de sotaque francês, diante de ser revestido pelas expectativas coerentes não somente aos conservadores portugueses, mas também aos extremistas estrangeiros.

Notas

^I MENESES, Filipe Ribeiro de. *Salazar: biografia definitiva*. São Paulo; Leya, 2011. p. 391.

^{II} SARDINHA, Ana Isabel Devignes. *Decouvertes: La Revue Française de Lisbonne (1964-1974) – présence du nationalisme radical européen au Portugal des années 1960 et 1970*. DARD, Olivier (dir.). *Supports e vecteurs des droites radicales au XX siècle (Europe - Amériques)*. Bern: Peter Lang, 2013. (p. 139-166), p. 143.

^{III} DESVIGNES, Ana Isabel. Em Defesa do Ocidente: cartas de Jacques Ploncard D'Assac a Salazar (1951-1968). CAZETTA, Felipe (org.). *Direitas Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Eulim, 2021. (p. 49-94). p. 58.

^{IV} LÉONARD, Yves. Salazar visto de fora: “Viver habitualmente”? Salazar e os *media* franceses. GARCIA, J. L.; ALVES, T.; LÉONARD, Y. (coord.). *Salazar, o Estado Novo e os Media*. Lisboa: Edições 70, 2017. (p. 173-200). p. 178.

^V DARD, Olivier. Um Salazarista francês: Jacques Ploncard D'Assac”. LIMOCIC, Flávio & MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). *Os Intelectuais do antiliberalismo: projetos políticos contra a modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. (p. 413 - 438) p. 416.

^{VI} DESVIGNES, Ana Isabel. Em Defesa do Ocidente: cartas de Jacques Ploncard D'Assac a Salazar (1951-1968). CAZETTA, Felipe (org.). *Direitas Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Eulim, 2021. (p. 49-94). p. 60.

^{VII} DARD, Olivier. Um Salazarista francês: Jacques Ploncard D'Assac”. LIMOCIC, Flávio & MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). *Os Intelectuais do*

antiliberalismo: projetos políticos contra a modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. (p. 413 - 438) p. 414.

^{viii} BOURDIEU, Pierre. Les conditions sociales de la circulation international de las idéas. *Actes de la recherche em sciences sociales*. Vol. 145. Dez. 2002. (p. 1-9), p. 4.

^{ix} BOBBIO, Norberto. *Os Intelectuais e o poder*: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Unesp, 1997. p. 73.

^x DARD, Olivier. Um Salazarista francês: Jacques Ploncard D'Assac". LIMOCIC, Flávio & MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). *Os Intelectuais do antiliberalismo*: projetos políticos contra a modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. (p. 413 - 438) p. 421.

^{xi} FERRO, Antônio. Salazar: o homem e a sua obra: notas à margem dos discursos de 23 de novembro. *Diário de Notícias*, ano 88, n.º 24.025. Lisboa: segunda-feira, 19 dez. 1932.

^{xii} Cf.: PINTO, Antônio Costa. *Os Camisas Azuis*: Rolão Preto e o fascismo em Portugal. Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife: UDUPE, 2016; MARTINS, Fernando. O segundo integralismo e o salazarismo: origens, decadência e queda. In: SILVA, Giselda Brito et al., *História da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo e fascismos*. Recife: Editora da UFPE, p. 89-112, 2010; CAZETTA, F. Entre o fascismo e o salazarismo: o percurso do Integralismo Lusitano à radicalização. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, [S. l.], v. 50, n. 1, p. 353-378, 2022.

^{xiii} DESVIGNES, Ana Isabel. Em Defesa do Ocidente: cartas de Jacques Ploncard D'Assac a Salazar (1951-1968). CAZETTA, Felipe (org.). *Direitas Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Eulim, 2021. (p. 49-94). p. 51.

^{xiv} D'ASSAC, Jacques Ploncard. *Critique Nationaliste*. Paris: Editions du Trident, 1965. p. 8.

^{xv} BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução na França*. 2ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1997. p. 102.

^{xvi} SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O conservadorismo como via para a modernidade. *Anos 90*, 4(6), 7-20, dez. 1996. p. 12.

^{xvii} D'ASSAC, Jacques Ploncard. *La Iglesia Ocupada*. Buenos Aires: Ediciones Fundación San Pio X, 1989. p. 159-160.

^{xviii} D'ASSAC, Jacques Ploncard. *La Iglesia Ocupada*. Buenos Aires: Ediciones Fundación San Pio X, 1989. p. 135 (tradução livre).

^{xix} D'ASSAC, Jacques Ploncard. *Doctrines du nationalisme*. Paris: Editions Notre Combat - National - social - radical, 1958. p. 67 (tradução livre).

^{xx} GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 13.

^{xxi} D'ASSAC, Jacques Ploncard. *Doctrines du nationalisme*. Paris: Editions Notre Combat – National – social – radical, 1958. p. 200.

^{xxii} D'ASSAC, Jacques Ploncard. *Doctrines du nationalisme*. Paris: Editions Notre Combat – National – social – radical, 1958. p. 206.

^{xxiii} FERRO, António. Salazar: o homem e sua obra – III A Ditadura e o contacto com a nação. *Diário de Notícias*, ano 88, n.º 24.028. Lisboa: quarta feira, 21 dez. 1932.

^{xxiv} D'ASSAC, Ploncard. *Salazar: a vida e a obra*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1989. p. 150.

^{xxv} D'ASSAC, Ploncard. *Salazar: a vida e a obra*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1989. p. 20.

^{xxvi} DECRETO LEI N. 22.465. *Acto Colonial*. Lisboa, 11 de abril de 1933.

^{xxvii} DECRETO-LEI N. 31:207. *Estatuto Missionário*. Diário do Governo, sábado 5 de abril de 1941.

^{xxviii} D'ASSAC, Ploncard. *Salazar: a vida e a obra*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1989. p. 76.

^{xxix} D'ASSAC, Ploncard. *Salazar: a vida e a obra*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1989. p. 223-224.

^{xxx} “O Atlântico é naturalmente no futuro, o campo de acção de portugueses e brasileiros -, o *mare nostrum*.” M.M. (abreviatura de MÚRIAS, Manuel). “Pão de Guerra”. In. *NAÇÃO PORTUGUESA: Revista de Cultura Nacionalista*. Lisboa: 2 série, 2 vol. 1922-1923. p. 179. – Real Gabinete Português da Leitura: CDU 050, RGPL 4UU5. Registro: 104444.

^{xxxi} BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

^{xxxii} BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. (p. 183-191), p. 185.

Bibliografia:

BOBBIO, Norberto. **Os Intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Unesp, 1997.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. 2ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1997.

CAZETTA, F. Entre o fascismo e o salazarismo: o percurso do Integralismo Lusitano à radicalização. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, [S. l.], v. 50, n. 1, p. 353–378, 2022.

D'ASSAC, Jacques Ploncard. **Doctrines du nationalisme**. Paris: Editions Notre Combat – National – social – radical, 1958.

D'ASSAC, Jacques Ploncard. **Critique Nationaliste**. Paris: Editions du Trident, 1965.

D'ASSAC, Jacques Ploncard. **La Iglesia Ocupada**. Buenos Aires: Ediciones Fundación San Pio X, 1989.

D'ASSAC, Ploncard. **Salazar: a vida e a obra**. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1989.

DARD, Olivier. Um Salazarista francês: Jacques Ploncard D'Assac". LIMOCIC, Flávio & MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). **Os Intelectuais do antiliberalismo: projetos políticos contra a modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. (p. 413 - 438).

DECRETO LEI N. 22.465. **Acto Colonial**. Lisboa, 11 de abril de 1933.

DECRETO-LEI N. 31:207. **Estatuto Missionário**. Diário do Governo, sábado 5 de abril de 1941.

DESVIGNES, Ana Isabel. **Em Defesa do Ocidente: cartas de Jacques Ploncard D'Assac a Salazar (1951-1968)**. CAZETTA, Felipe (org.). Direitas Ontem e Hoje. Rio de Janeiro: Eulim, 2021. (p. 49-94). p. 58.

FERRO, António. **Salazar: o homem e a sua obra: notas à margem dos discursos de 23 de novembro**. Diário de Notícias, ano 88, n.º 24.025. Lisboa: segunda-feira, 19 dez. 1932.

LÉONARD, Yves. Salazar visto de fora: "Viver habitualmente"? Salazar e os media franceses. GARCIA, J. L.; ALVES, T.; LÉONARD, Y. (coord.). **Salazar, o Estado Novo e os Media**. Lisboa: Edições 70, 2017. (p. 173-200).

PLONCARD D'ASSAC: UM EXPERTO A SERVIÇO DO SALAZARISMO
FELIPE CAZETTA

M.M. (abreviatura de MÚRIAS, Manuel). "Pão de Guerra". In. NAÇÃO PORTUGUESA: **Revista de Cultura Nacionalista**. Lisboa: 2 série, 2 vol. 1922-1923. p. 179. – Real Gabinete Português da Leitura: CDU 050, RGPL 4UU5. Registro: 104444.

SARDINHA, Ana Isabel Devignes. *Decouvertes: La Revue Française de Lisbonne (1964-1974) – présence du nationalisme radical européen au Portugal des années 1960 et 1970*. DARD, Olivier (dir.). **Supports e vecteurs des droits radicaux au XX siècle** (Europe - Amériques). Bern: Peter Lang, 2013. (p. 139-166).

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O conservadorismo como via para a modernidade. **Anos 90, 4(6)**, 7-20, dez. 1996.